

**CIDADE X ABARRACAMENTOS: OS CONFLITOS E O COTIDIANO DOS
RETIRANTES EM FORTALEZA (1877-1880)**

ANA KARINE MARTINS GARCIA – PPG-PUC/SP

“Construtores e Reformadores passaram a dar maior ênfase a tudo que facilitasse a liberdade do trânsito das pessoas e seu consumo de oxigênio, imaginando uma cidade de artérias e veias contínuas, através das quais os habitantes pudessem se transportar tais quais hemácias e leucócitos no plasma saudável”.

(Richard Sennett) ¹

Olhar a cidade exige sempre investigação e atenção para um território desconhecido e que é habitado por uma “multidão anônima”. ² É buscando conhecer estes espaços que Sennett, através da citação, mostra como a cidade e seus habitantes estão intimamente ligados, dependentes um do outro, ao ponto que se algumas das partes adoecem, ambos, são afetados. Pois na época trabalhada por Sennett ³, o apogeu da ciência higiênica, cidade e habitante passaram a ser vista como organismo passíveis de serem tratados pela medicina ou por engenheiros sensíveis aos valores do higienismo.

A cidade de Fortaleza a partir do ano de 1877 passa a ser o palco privilegiado do drama da seca. Essa sempre foi abordada nos estudos da Historiografia sendo considerada um fenômeno “natural” por muitos estudiosos do século XIX e XX. As pesquisas mais recentes têm estudado a seca através de novos olhares onde a análise do fator “social” passa a ser vislumbrada.⁴ Assim para entendermos as relações de poder e as transformações no espaço urbano de Fortaleza é relevante considerar alguns aspectos econômicos, políticos e sociais da seca no Ceará em meados do século XIX.

Nesse período, o Ceará alcançou um grande crescimento, no setor agrário, principalmente, na produção de algodão⁵, aumentando de forma intensa, as exportações deste e de outros produtos, como o açúcar, o couro e o café para as potências comerciais

européias. Tendo neste cenário uma maior visibilidade, a cidade de Fortaleza, foi uma das construtoras deste grande empreendimento pois, ela era responsável pelas exportações.

Contudo, Fortaleza não sofreu transformações bruscas na sua estrutura urbana. Esta apenas procurou ajustar e absorver o impacto da nova função comercial da cidade (OLIVENOR, 2002, p.51), ou seja, o comércio já estava presente na economia e o que estava sendo exigido agora era uma organização dentro de padrões de consumo e de produção que, de algum modo, demonstrassem uma afinidade com aqueles que progressivamente vinham do estrangeiro e também da corte brasileira.

Devemos ressaltar que a elite local formada por homens letrados, produtores agrícolas, comerciantes ou políticos tinham a pretensão de adequar a cidade a suas condições de modernização, processando intervenções nos espaços físicos da urbe, já que, estavam constituindo residência em Fortaleza (BEZERRA, 2000, p.32). A racionalidade científica, influência européia, estava presente nas ações e desejos de reformas urbanas, porém, os equipamentos urbanos que aproximavam a cidade da tão desejada modernidade européia estavam em confrontos com as reminiscências da vila colonial.

Com o início da seca de 1877 ⁶ as estruturas do campo foram profundamente abaladas, pois os sertanejos ⁷ sofreram uma diminuição significativa em sua reserva alimentar e onde a proteção oferecida pelo proprietário era insuficiente (NEVES, 2000, p.47). Podemos então observar que a miséria, a fome e a falta de uma expectativa de vida se intensificaram, provocando o aumento de migrações para as serras, litorais e, principalmente, para cidade de Fortaleza, cuja idéia de progresso estava constantemente presente nos discursos do poder público.

A chegada dos retirantes na capital cearense afetou e alterou o cotidiano dos habitantes locais. Os espaços urbanos como ruas e praças, se tornaram moradias para estes desabrigados. A cidade “civilizada” vivia momentos de grande “caos e desordem”. O centro a cada dia recebia novos “forasteiros” que vinham em busca de auxílios e moradia. Havia a cobrança do governo, principalmente, pelos jornais, de uma atitude rápida para manter a ordem e para que os retirantes fossem afastados das principais áreas de contato com a população citadina.

O Governo da Província foi surpreendido, pois não esperava que as ruas centrais⁸ fossem invadidas e habitadas por estes forasteiros, comumente vistos como “os outros”, “os indigentes” sem lugar e sem direitos. Assim, a solução e ação imediata foi, a construção de alojamentos, os denominados abarracamentos, que serviram para abrigar a população retirante a partir de julho de 1877 e que duraram até o final da seca em 1879. Destes, alguns forma desativados outros deram origem a bairros da cidade.

De início não havia uma preocupação com a escolha dos locais em que seriam construídos os abarracamentos. “Estes foram levantados em áreas a barlavento da cidade”.⁹ E mais adiante iremos ver que as construções destes alojamentos nestas áreas foram apontadas como uma das causas da disseminação das epidemias na cidade. Contudo, perceberemos que a partir de 1878, com o aumento dos casos de varíola, as construções dos abarracamentos seguiram a um planejamento mais rigoroso e onde as práticas higienistas, como vacinação, limpeza dos barracos, dos rios e o despejo do lixo em locais afastados dos alojamentos já serviam a um caráter preventivo.

Para analisarmos o processo de remodelação e disciplinarização social dentro da cidade de Fortaleza é necessário perceber que o centro da capital era palco de uma sociabilidade elegante e aquele cortejo de desempregados e miseráveis que se

multiplicavam pelas ruas era motivo de profunda inquietação para a elite local.¹⁰ Podemos assim observar por que a estruturação política e social da cidade, os desejos de progresso e civilização da elite fortalezense e as práticas higienistas que estavam presentes nos discursos e ações do governo provincial tinham como objetivo afastar os “flagelados” para fora destas áreas.

Consideramos relevante a análise do contexto histórico da cidade ao longo do trabalho, contudo, vimos como fundamental o estudo dos discursos que envolvem a documentação pesquisada, pois possibilitou perceber quando os emigrantes incomodavam e ao mesmo tempo serviam aos propósitos do poder público, Sob este aspecto é que nos jornais, nos relatórios do presidente da província, nos códigos de posturas, nos relatos dos memorialistas, os discursos se mostraram envolvidos em intenções e desejos de dominação, civilização, progresso e, sobretudo, em formas de controle do cotidiano dos emigrantes na cidade.

Olhar para Fortaleza, num período de tantas calamidades levou-nos a tentar compreender a reorganização da cidade, a partir da chegada dos retirantes, e as condições de moradia que estavam sendo oferecidas a esta população. Assim por trás desse ideal de progresso existia uma cidade em profundas ruínas, mas, que através de seus representantes soube utilizar esta situação de “crise” para manter seus intuitos de progresso e civilização.¹¹

Percebemos em diversificados momentos que estes atores não têm participação direta na escrita das documentações aqui estudada, como jornais, relatórios de presidente da província, códigos de posturas, memorialistas e ofícios expedidos; sendo estes descritos, segundos os discursos oficiais que assim, como uma testemunha, estão dispostos apenas a contarem a sua versão dos fatos. Tentando pensar um pouco sobre isto é que entendemos que estes emigrantes além de excluídos dos espaços urbanos e colocados de lado quanto à ordem social que se consolida possuem um outro tipo de

segregação: são excluídos no tempo, ou seja, eles não têm história, não são atores reconhecidos nem sujeitos detentores de um passado constituído pela oficialidade dos centros urbanos que resgatam a sua memória. ¹² Assim por não serem considerados participantes desta história, ficam a mercê das versões que são disponibilizadas a partir de interesses próprios.

A presença incômoda dos “flagelados” na cidade, neste momento, passou a afetar e modificar o cotidiano dos cidadãos é o que nos mostra, de uma maneira geral, a documentação pesquisada e que citamos anteriormente. Porém, apesar dos retirantes entrarem em contato com os “novos costumes”¹³ é importante compreendermos que estes também se depararam com uma cidade, cujos, hábitos ainda estavam ligados ao campo. Assim, de uma forma geral, não podemos sempre considerar como uma política de reformas urbanas as medidas implementadas pelo governo provincial no intuito de progresso e modernização, mas sim intervenções para manter a ordem social. (PECHMAN, 2002, p.396).

Podemos perceber que os “indesejáveis” iam de encontro aos planos e desejos da elite local de transformar uma parte da cidade de Fortaleza, ou seja, as áreas do centro¹⁴ num local onde a limpeza física e moral imperasse; contribuindo para a concretização dos ideais de modernização urbana. Assim é interessante observarmos que os locais das moradias desta população faminta foram considerados como um dos fortes obstáculos para os desejados melhoramentos da cidade. E através dos documentos utilizados no trabalho é que conseguimos visualizar que as moradias dos emigrantes foram, diversas vezes, apontadas como nocivas à sociedade, porque eram habitações coletivas onde seriam encontrados os focos de irradiação das epidemias.¹⁵ Sendo estes discursos, em sua maioria, utilizado por médicos e higienistas que atestavam medidas preventivas para o combate a insalubridade dos abarracamentos, para assim evitar a propagação das principais doenças que assolavam a capital cearense naquele período.

Consideramos então ressaltar que a problemática central do trabalho é analisar e interpretar as relações que se colocam nos ordenamentos espaciais, na arquitetura dos abarracamentos; percebendo as tensões e conflitos que a presença dos retirantes causavam nos grupos mais ricos procurando entender sua participação na construção e reconstrução da Fortaleza de meado século XIX.

NOTAS

¹ SENNET, Richard. *Came e pedra* - Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 214.

² A noção de uma "multidão anônima" é utilizado no sentido das classes menos favorecidas que "imprimiam direção 'a sociedade brasileira da virada do século XIX para o século XX...'". NEVES, Margarida de Sousa. O Povo na Rua: um "conto de duas cidades". In PECHMAN, Moses. (org.) Olhares sobre a cidade. Rio de Janeiro, UFRJ, 1994, pp. 136-155.

³ O período analisado por Sennett no capítulo VIII do seu livro, citado na epígrafe, se refere aos séculos VIII e XIX.

⁴ Os estudos mais recentes da Historiografia têm realizado novas abordagens com relação à temática da seca, principalmente, no que diz respeito às análises sociais. Ver: NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 2000; RIOS, Kênia Sousa. *Campos de concentração no Ceará: Isolamento e poder na seca de 1932*. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretária da Cultura e Desporto do Ceará, 2001; BEZERRA, José Tanísio Vieira. *Quando a ambição vira projeto: Fortaleza, entre o progresso e o caos*. Dissertação de Mestrado em História Social apresentada a PUC-SP, 2000.

⁵ Com a Guerra de Secessão (1861 a 1864) as colônias da América do Norte sofreram um abalo na sua produção de algodão, limitando, suas exportações para a Inglaterra. Assim com a crise norte-americana e a excelente localização geográfica, o Ceará, assumiu um papel de grande importância na exportação deste produto para as indústrias de tecidos inglesas.

⁶ O dia 19 de março é o dia de São José, o santo padroeiro do Ceará, considerado o dia oficial para que seja confirmada a seca. Assim caso naquele dia não chova é sinal de que aquele ano será de seca e que para muitos é o momento de emigrar. Ver: THEÓFILO, Rodolfo. *História das secas do Ceará (1877-1880)*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922. p. 80.

⁷ O sertanejo, no qual, faço menção diz respeito ao pequeno proprietário de terra que sobrevive através de atividades de subsistências e que se submete a uma relação de dependência pessoal com o grande proprietário.

⁸ Assim como as demais capitais imperiais, Fortaleza, também concentrava seu poder econômico e comercial; onde o "status" social podia ser visualizado seja através da população freqüentadora ou de suas moradias. Ver: PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque; reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

⁹ Os abarracamentos que estivessem a barlavento (direção de onde sopra o vento sentido mar /sertão) das áreas centrais de Fortaleza deveriam ir para áreas a sotavento (para onde vai o vento no sentido terra / mar) THEOPHILO, Rodolpho. *História das Seccas do Ceará (1877 -1880)*. Rio de Janeiro, Imprensa Inglesa, 1922, p. 102; Dicionário Aurélio Buarque de Holanda, p. 58 e p. 450.

¹⁰ PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*- Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

¹¹ Devemos perceber que os momentos considerados como crise, muitas vezes, tem sido mostrados como de decadência, podendo observar que é durante estes momentos que o poder público utilizou do trabalho dos retirantes para implementar as obras que serviram para o crescimento e o melhoramento de alguns dos

espaços da capital cearense. Para ver melhor este assunto: LE GOFF, Jaques, História e memória; Campinas-SP; Editora da Unicamp, 2003, pp 373-418.

¹² PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. p.23.

¹³ Os “novos costumes” a que mencionamos diz respeito: a tempo, disciplinarizações dos espaços de moradia, higienização. De forma geral, estes modos causaram um certo estranhamento na população de retirantes. Podemos observar então que as preocupações com o corpo, a higiene e a moral estavam presentes nos discursos da elite local. Ver: Os *Relatórios dos presidentes de província (1877-1880)*.

¹⁴ O centro de Fortaleza, na segunda metade do século XIX, era o espaço da sociedade detentora de um poder político, econômico e social. Assim com a planta topográfica de 1875 podemos observar algumas das ruas consideradas importantes e destacadas no planejamento urbanístico da cidade, onde observamos, por exemplo que “(...) Para leste, até a rua da Aldeota (hoje Nogueira Acioli)...”. Tendo somente a denominação de rua da Aldeota somente a partir de 1888. “(...) para sul, até a rua dos Coelho (Domingo Olimpio)...”. Sendo conhecida por esta denominação a partir de 1888. Ver: GIRÃO, Raimundo. Geografia estética de Fortaleza. - Fortaleza: Casa José de Alencar, Programa Editorial, 1997. p.80.

¹⁵ CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial – São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p26.